

EXCLUSÃO SOCIAL, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: MANIFESTAÇÕES DA MORTE EM *DE ONDE ELES VÊM*, DE JEFERSON TENÓRIO

EXCLUSIÓN SOCIAL, MEMORIA Y RESISTENCIA: MANIFESTACIONES DE LA MUERTE EN *DE ONDE ELES VÊM*, DE JEFERSON TENÓRIO

Rosana Rodrigues da Silva¹

Vanderley da Silva²

RESUMO

Este artigo analisa a manifestação da morte no romance *De onde eles vêm* (2024), de Jeferson Tenório, explorando como ela adquire sentidos simbólicos e sociais dentro da narrativa. Busca-se demonstrar que a morte transcende o âmbito do fim biológico, configurando-se como memória, experiência cotidiana da exclusão social e, metaforicamente, apagamento e resistência. A trajetória do protagonista, Joaquim, um jovem negro e periférico, é marcada por perdas familiares, dificuldades econômicas, preconceito no ambiente acadêmico e violência urbana. Essas situações são interpretadas como formas de morte simbólica, caracterizadas pela negação de dignidade e pela limitação de oportunidades. A literatura e a memória ancestral são identificadas como forças de resistência diante dessas adversidades. O estudo conclui que, na literatura afro-brasileira contemporânea, a morte pode ser compreendida para além da ideia de término, configurando-se como elemento de denúncia, memória e impulso para a sobrevivência e a afirmação identitária. Para a análise, foram utilizadas contribuições teóricas de autores como Philippe Ariès (2017), Zygmunt Bauman (2008), Walter Benjamin (1994), Paul Ricoeur (2007) e José Carlos Rodrigues (2006), entre outros.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, Morte, Exclusão social, Resistência.

RESUMEN

Este artículo analiza la manifestación de la muerte en la novela *De donde vienen* (2024), de Jeferson Tenório, explorando cómo adquiere sentidos simbólicos y sociales dentro de la narrativa. Se busca demostrar que la muerte trasciende el ámbito del fin biológico,

¹ Doutora em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto (2003). Mestre em Letras pela UFRGS (1997) e graduada em Letras pela UNESP, campus de Assis (1992). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Mato Grosso, campus de Sinop, atua na graduação em Letras, no Mestrado professional em Letras (PROFLETRAS) e no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLEtrias). É membro do Grupo de Trabalho Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (ANPOLL). Integra o grupo de pesquisa GECOLIT. E-mail: rosana.silva@unemat.br

² Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtrias) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). É Mestre em Letras pela mesma instituição (UNEMAT, Campus Sinop, 2019). Atua como Professor de Língua Portuguesa na rede Estadual de Ensino (SEDUC/MT). E-mail: vanderley.silva@unemat.br

configurándose asimismo como memoria, experiencia cotidiana de la exclusión social y, de manera metafórica, borramiento y resistencia. La trayectoria del protagonista, Joaquim, un joven negro y periférico, está marcada por pérdidas familiares, dificultades económicas, prejuicios en el ámbito académico y violencia urbana. Estas situaciones son interpretadas como formas de muerte simbólica, caracterizadas por la negación de la dignidad y la limitación de oportunidades. La literatura y la memoria ancestral son identificadas como fuerzas de resistencia frente a estas adversidades. El estudio concluye que, en la literatura afrobrasileña contemporánea, la muerte puede comprenderse más allá de la idea de término, configurándose como un elemento de denuncia, memoria e impulso para la supervivencia y la afirmación identitaria. Para el análisis, se utilizaron aportes teóricos de autores como Philippe Ariès (2017), Zygmunt Bauman (2008), Walter Benjamin (1994), Paul Ricoeur (2007) y José Carlos Rodrigues (2006), entre otros.

Palabras clave: Literatura afrobrasileña, Muerte, Exclusión social, Resistencia.

Introdução

A literatura afro-brasileira contemporânea tem problematizado temas como identidade, memória, racismo estrutural e desigualdade social. Nesse cenário, Jeferson Tenório, autor premiado e reconhecido pela crítica, constrói narrativas que evidenciam as condições de precariedade e violência que atravessam a população negra. Sua obra se destaca pelo tratamento contundente de questões sociais e raciais, especialmente a vivência de indivíduos negros e periféricos no Brasil contemporâneo.

Ao abordar temáticas como preconceito, desigualdade, violência, identidade, memória, exclusão social e morte, Tenório articula tais elementos a uma profunda dimensão psicológica das personagens. Ao combinar realismo crítico e sensibilidade literária, seus romances constroem espaços e sujeitos que revelam a complexidade das relações sociais, das estruturas de poder e das tensões identitárias que marcam a sociedade brasileira atual. Nessa perspectiva, observa Schollhammer (2009, p. 14):

Percebe-se, nos escritores da geração mais recente, a intuição de uma impossibilidade, algo que estaria impedindo-os de intervir e recuperar a aliança com a atualidade e que coloca o desafio de reinventar as formas históricas do realismo literário numa literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria.

Essa reflexão evidencia que o compromisso de Tenório com a representação das realidades marginalizadas resulta em uma literatura engajada, que aproxima a ficção da realidade social.

O romance *De onde eles vêm* se desenvolve em Porto Alegre, no início dos anos 2000. Joaquim, jovem negro e narrador de suas próprias experiências, vive em um bairro periférico e tem sua trajetória marcada por profundas dificuldades. Órfão de pai e, após a morte da mãe, divide com a tia os cuidados da avó que o criou, já idosa e acometida pela demência.

Desempregado e sem recursos financeiros, Joaquim consegue ingressar no curso de Letras por meio do sistema de cotas. Entretanto, os obstáculos surgem desde o momento da matrícula, quando quase é vencido pela burocracia. Já no ambiente acadêmico, enfrenta diversas formas de preconceito em razão de sua cor de pele e de sua condição socioeconômica. Como consequência, passa a sentir-se deslocado, um intruso que poderia, em sua percepção, atrapalhar o andamento das aulas.

Embora tudo pareça conspirar para que desista, Joaquim encontra forças na literatura. Escreve o conto “A casa vazia”, vencedor do 13º Prêmio Internacional Açores de Literatura, o que lhe proporciona uma viagem a Portugal, com todas as despesas custeadas pelo evento. Ainda durante o voo, sofre episódios de preconceito, mas a experiência no exterior lhe oferece novas vivências, contatos com escritores e a construção de amizades.

Mais tarde, por ter permanecido afastado da universidade em função do trabalho, perde a vaga conquistada. Contudo, não abandona seu projeto de formação: presta novamente o vestibular e retorna ao curso de Letras, reafirmando sua resistência diante das adversidades.

Nesta narrativa, a morte configura-se como eixo central de significação, pois suplanta o aspecto individual e biológico para assumir uma dimensão simbólica e social. O protagonista inicia sua trajetória marcado pela ausência do pai e, ao longo do percurso, enfrenta a perda da mãe e da avó que o cuidava. Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir a manifestação da morte, analisando-a sob três perspectivas: a morte como memória e herança; a morte como experiência cotidiana da exclusão social; e a morte como metáfora do apagamento e da resistência.

A morte como memória e herança

A morte é um tema inquietante que, desde os primórdios da civilização, ocupa a mente humana, despertando sentimentos ambíguos, entre curiosidade e preocupação. Na contemporaneidade, em muitas culturas, ela se apresenta como um tabu, pois o homem moderno tende a ocultá-la, apagá-la de seu cotidiano, evitando pronunciá-la ou refletir sobre ela, transformando-a em um fato angustiante e projetando o medo para um futuro distante. Como observa Ariès (2017, p. 82), “a morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer”.

A complexidade do tema, capaz de gerar apreensão, tem sido objeto de numerosos estudos ao longo do tempo pelas diferentes ciências humanas, que buscam compreender a essência do fenômeno e analisar os comportamentos diante de um mistério que permanece um ponto de interrogação sobre o sentido da existência humana.

Por revelar a finitude da vida, a morte sempre despertou preocupação nas sociedades, sendo um tema de reflexão constante ao longo da história. Mesmo hoje, continua a ser um enigma e objeto de debates intermináveis. Segundo Benjamin (1994, p. 10), “hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos”. Bauman (2008) argumenta que, no mundo contemporâneo, a morte é percebida como um evento singular e concreto, inevitável, que desafia o indivíduo e sua compreensão da existência.

Nas palavras do autor:

Irreparável... Irremediável... Irreversível... Irrevogável... Impossível de cancelar ou de curar... O ponto sem retorno... O final... O derradeiro... O fim de tudo. Há um e apenas um evento ao qual se podem atribuir todos esses qualificativos na íntegra e sem exceção. Um evento que torna metafóricas todas as outras aplicações desses conceitos. O evento que lhes confere significado primordial – prístico, sem adulteração nem diluição. Esse evento é a morte (Bauman, 2008, p. 04).

A finitude é apresentada como ruptura definitiva, o fim absoluto, a separação irreversível dos entes queridos. Na citação de Bauman, observa-se que o autor destaca para além do caráter biológico desse acontecimento o seu valor simbólico e existencial, ao configurá-la como fundamento do sentido de finitude que perpassa a experiência humana. Sob essa perspectiva, e considerando a forma como a sociedade contemporânea lida com o tema, percebe-se que a morte é frequentemente tratada como

tabu: um elemento indesejável, perturbador e repugnante, que o indivíduo busca ocultar ou esquecer, na tentativa de negar tanto a sua inevitabilidade quanto tudo aquilo que lhe causa sofrimento.

No romance *De onde eles vêm*, a morte ultrapassa o âmbito do acontecimento biológico para assumir um papel literário e simbólico: torna-se guardiã da memória das perdas familiares e comunitárias. As ausências, resultantes da violência e da desigualdade que vitimam entes queridos, são inscritas na experiência do protagonista Joaquim como marcas permanentes da ancestralidade negra. Por conseguinte, a narrativa evidencia como a morte, longe de significar apenas término, funciona como dispositivo de lembrança e de denúncia, articulando o passado de escravidão às permanências do racismo estrutural, que seguem repercutindo nas vivências do presente. Esse sentido é intensificado na passagem em que Joaquim narra:

Depois de minha mãe morrer e de meu pai sumir no mundo, minha avó era quem tomava conta de mim. Ela estava com oitenta e nove anos quando apresentou os primeiros sintomas de demência. Eu e minha tia Julieta cuidávamos dela. Não tínhamos recursos para interná-la numa clínica. E, embora sofresse com a velhice, minha avó tinha muita vontade de viver, fazia planos como se tivesse muito futuro pela frente, o que me deixava comovido, mesmo quando ela delirava e me confundia com o Marcelo, seu companheiro que havia morrido muitos anos antes (Tenório, 2024, p. 18).

A citação exemplifica esse processo ao trazer a morte e a ausência como elementos constitutivos da memória do narrador. A perda materna, o desaparecimento paterno e a fragilidade da avó, marcada pela doença e pela velhice, configuram um cenário em que a morte não se restringe a um acontecimento isolado, mas se desdobra em continuidade de privações, pois “a morte de uma pessoa adulta [passa a significar] normalmente dor e solidão para as pessoas que sobrevivem a ela: verdadeira chaga que põe em perigo a vida social” (Rodrigues, 2006, p. 2).

A demência da avó simboliza para além do desgaste físico, a perda ou fragmentação da memória ancestral. Como afirma Ricoeur (2007, p. 433), “o esquecimento vai além da perda da memória; constitui uma força ativa de apagamento, uma ameaça constante à fidelidade do lembrar”. Assim, a fragilidade da memória revela o risco do esquecimento coletivo; ao mesmo tempo, os fragmentos que permanecem podem ser compreendidos como sinais de esperança, expressos nos sonhos e planos da

avó, que, mesmo diante da proximidade da morte, manifesta uma força vital capaz de resistir ao apagamento.

Nesse contexto, a experiência individual de Joaquim adquire dimensão coletiva, pois remete à herança de violências históricas que atravessam gerações negras, revelando como a morte e a perda se convertem em testemunho e resistência. Nesse sentido, observa-se na citação:

Ela se chamava Joelma, e, depois que ficou doente e emagreceu, a gente passou a chamá-la de Vó Fininha. De vez em quando, ela discutia política comigo. Não gostava muito de pessoas brancas. A frase preferida dela era: meu filho, nunca confie demais nos brancos (Tenório, 2024, p. 27).

Observa-se nesse excerto, uma advertência transmitida pela avó do protagonista que se inscreve no horizonte da memória coletiva negra, marcada por séculos de opressão, escravidão e racismo estrutural. A desconfiança manifestada pela matriarca não se origina de ressentimento individual, mas de uma sabedoria ancestral, transmitida como estratégia de proteção diante das violências históricas. Desse modo, o autor articula fragilidade e força: de um lado, o corpo debilitado; de outro, a potência da palavra, da experiência e da memória. Joelma encarna a figura da ancestral que, mesmo no limite da vida, compartilha ensinamentos fundamentais, transformando sua trajetória em testemunho e legado para as gerações seguintes.

A experiência individual do protagonista desta narrativa não se dá de forma isolada, mas está profundamente ligada à memória histórica de sua comunidade. As dificuldades, perdas e sofrimentos atravessam gerações, constituindo uma herança coletiva que molda valores, expectativas e responsabilidades, visto que “a memória individual, por mais singular que pareça, só é possível na medida em que se apoia em quadros coletivos” (Ricoeur, 2007, p. 54).

a consciência da ancestralidade negra emerge como força orientadora, lembrando que as conquistas e escolhas do presente se apoiam nas lutas e sacrifícios do passado. Essa perspectiva é perceptível na fala intensa e direta que lembra ao protagonista o peso da trajetória de seus antepassados:

Ela teria todos os motivos para dizer: olha, guri, a gente se fodeu a vida toda. Meus avós se foderam. Meus pais se foderam. A sua mãe se fodeu. Uma geração inteira se fodeu. Por séculos os negros se foderam pra que você chegasse até aqui (Tenório, 2024, p. 60-61).

A citação revela que o sofrimento histórico não é apenas lembrança, mas se converte em guia ético e político, enfatizando a responsabilidade do presente em relação à herança coletiva. As repetições da expressão “se foderam” reforçam o peso das gerações anteriores e demonstra como suas vidas e lutas se refletem na trajetória presente do narrador. Ao mesmo tempo, a fala articula responsabilidade e consciência histórica: lembra que as escolhas do protagonista carregam significado ético e político, transformando a memória da opressão em guia para ação e resistência. A linguagem direta e coloquial intensifica a força do legado transmitido, mostrando que a dor histórica se converte em instrumento de reflexão, afirmação identitária e continuidade da luta da comunidade negra.

A morte, embora seja um acontecimento individual, carrega consigo dimensões de memória e herança que perpassam gerações. Ela não se reduz à ausência física, mas se inscreve na experiência emocional, afetiva e simbólica daqueles que permanecem, moldando lembranças e sensibilidades. Dessa forma, a perda de um ente querido pode tornar-se referência para a construção de sentido, registro e criação. A memória da mãe falecida, por exemplo, permanece viva nos gestos, sentimentos e escolhas do narrador, revelando como a experiência da morte se converte em herança afetiva e poética, inscrevendo-se no cotidiano e inspirando processos de reflexão e produção artística:

Minha mãe morreu quando completei doze anos. Ela teve uma grave doença no coração. Ainda hoje, sempre que sinto palpitações, lembro dela. Talvez tenha sido essa lembrança que me levou a pegar aquele livro. Eu ouvia os latidos dos cães lá fora, vizinhos falando alto, carros passando e motos barulhentas. Peguei meu caderno de notas e escrevi: estante revisitada. Era ali o início do meu poema? (Tenório, 2024, p. 55)

A passagem revela um momento de memória íntima e de elaboração literária do protagonista, articulando experiência pessoal, perda familiar e consciência poética. A morte da mãe, ocorrida na infância, é apresentada como evento marcante que continua a reverberar no corpo e na mente do narrador, evidenciado pela associação entre as palpitações físicas e a lembrança da mãe. Essa ligação entre corpo e memória demonstra como a experiência da perda molda para além do campo emocional, a sensibilidade estética do indivíduo.

No plano individual, a morte surge como um acontecimento que reorganiza trajetórias, impondo novas responsabilidades e redefinindo afetos. A ausência de uma figura de referência, como a avó, não representa apenas o fim de uma vida, mas inaugura um ciclo de fragilidades e transformações que se projetam no cotidiano. Nesse contexto, o luto se converte em herança simbólica e prática, incidindo tanto sobre a dimensão emocional quanto sobre a material, ao exigir do narrador a necessidade de adaptação e sobrevivência. Essa vivência se explicita na passagem:

Após a morte da minha avó e do término com Elisa, as coisas só pioraram. Um precipício de mágoas e desgostos se apresentou. Tive que arrumar um trabalho que me desse alguma renda e continuei morando com tia Julieta. Na minha carteira de trabalho só havia carimbos de serviços subalternos (Tenório, 2024, p. 173).

A citação explora como a morte da avó, somada ao fim do relacionamento, inaugura um período de instabilidade permeado por mágoas e desajustes, uma vez que “a perda do ente querido se transforma em algo intolerável e o luto começa a fazer fronteira com a loucura” (Rodrigues, 2006, p. 153).

Nessa narrativa, entretanto, a morte é percebida para além do caráter biológico: ela assume valor simbólico e afetivo, reorganizando a vida do narrador e impondo-lhe novas responsabilidades, como a necessidade de buscar trabalho e a permanência na casa da tia. Afinal, “a morte está igualmente presente na maioria dos ritos de passagem, que consistem em morrer para uma posição (por exemplo, ‘adolescente’) e nascer para outra (‘homem adulto’, no caso)” (Rodrigues, 2006, p. 73).

Assim, a morte se inscreve como memória e herança: ausência que fragiliza, mas também força motriz para a reconstrução da trajetória pessoal, pois “a memória é a mais épica de todas as faculdades” (Benjamin, 1994, p. 13). A caminhada de Joaquim encontra na memória um de seus maiores alicerces de resistência. O retrato da avó, mais do que uma imagem estática, converte-se em presença viva e em potência de continuidade. Como afirma o próprio protagonista:

Um dia encontrei um retrato da minha avó quando jovem. Ela parecia séria e cansada. Era um dos poucos registros que eu tinha dela. Demorei meu olhar sobre aquela imagem, e pensei que a velhice de minha avó me dava vontade de viver. Despertava em mim o desejo de permanecer vivo e alcançar a sua idade, como se ela me mostrasse

algo importante, sem dizer nada, apenas com sua existência (Tenório, 2024, p. 205).

Nesse gesto de olhar, Joaquim não vê apenas a avó envelhecida, mas reconhece a sabedoria inscrita em sua história e a potência de uma vida que resiste mesmo após a morte. A memória, desse modo, converte-se em elo entre passado e presente, transformando a ausência em motivação. É nesse encontro com a fotografia que ele reafirma a vida e reconhece que a herança de sua avó continua a guiá-lo em seu caminho de luta e permanência. A morte, então, não se limita ao fim biológico, mas se converte em memória e herança que perpassam o sujeito e a coletividade.

Elá preserva lembranças íntimas e familiares, como a ausência do pai, a perda da mãe e da avó, ao mesmo tempo em que reinscreve o peso histórico da ancestralidade negra marcada pela escravidão e pelo racismo. Ao articular ausência e continuidade, fragilidade e resistência, Jeferson Tenório ressalta que a morte se converte em legado: testemunho de dor, “a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome” (Ariès, 2017, p. 38), bem como em testemunho de força e de afirmação identitária.

A morte como experiência cotidiana da exclusão social

A morte, compreendida como metáfora da marginalização, da invisibilidade e do silenciamento impostos a determinados grupos sociais, uma vez que a exclusão marcada pelo racismo, pela pobreza, pela negação de direitos e pela violência estrutural configura-se como uma forma de “morrer em vida”, traduzida na perda de oportunidades, na restrição de existências dignas e na supressão das possibilidades de futuro. Pensar a morte como experiência cotidiana da exclusão social é reconhecer que ela excede os limites do corpo biológico e se inscreve nas dinâmicas históricas de opressão que determinam quem pode viver plenamente e quem é condenado a sobreviver em condições desumanas.

Na narrativa, a vida do protagonista mostra claramente esse processo. Ele enfrenta a pobreza, o preconceito racial e a exclusão social, vivendo diferentes formas de marginalização que afetam muitos sujeitos negros e periféricos. A desigualdade social aparece como um elemento central em sua trajetória, percebida tanto nas dificuldades para entrar e se manter em espaços elitizados quanto nos problemas de

conseguir e manter empregos precários. Essa situação fica evidente no relato de Joaquim:

Eu me sustentava com a aposentadoria da minha avó e com um mísero salário que ganhava sendo explorado como chapista numa lanchonete. Tinha uma infinidade de carimbos na carteira de trabalho, porque nunca conseguia me adaptar. Não me sentia à vontade, como se eu fosse um eterno estrangeiro. Logo fui demitido da lanchonete por me recusar a fazer horas extras sem ser remunerado. Durante algum tempo vivi com o dinheiro do seguro-desemprego (Tenório, 2024, p. 19-20).

O depoimento revela a precariedade das condições de trabalho enfrentadas por Joaquim e expõe como a exploração laboral se torna mecanismo de exclusão e apagamento. A dependência da aposentadoria da avó, somada ao salário insuficiente, reforça sua vulnerabilidade econômica. Já a sucessiva troca de empregos, expressa na “infinidade de carimbos na carteira”, simboliza a condição de não pertencimento e a sensação de viver como um “eterno estrangeiro”. A demissão por recusar-se a realizar horas extras não remuneradas demonstra, por sua vez, as práticas abusivas que recaem, sobretudo, sobre aqueles em situação de vulnerabilidade social.

A narrativa reconstitui como Joaquim percebe a exclusão e o preconceito no ambiente universitário. Desde o início, sua presença desperta atenção por ser um jovem negro oriundo de Alvorada, um perfil pouco comum naquele espaço. No entanto, essa curiosidade logo se transforma em julgamento estereotipado quando descobrem que ele é cotista, revelando as barreiras simbólicas e sociais que marcam sua trajetória. Como ele mesmo relata:

Num primeiro momento, eles tinham curiosidade sobre mim, porque eu era um rapaz negro retinto, morador de Alvorada, o que não era muito comum ali, mas, quando descobriam que eu era cotista, eles se tranquilizavam, já presumiam saber tudo sobre mim. Então eu era colocado num lugar específico no imaginário deles: pobre coitado sem muita cultura, sem muita leitura, que não sabia falar inglês (Tenório, 2024, p. 25-26).

A fala de Joaquim mostra como a exclusão social acontece no dia a dia e de forma simbólica, configurando uma espécie de “morte social” que torna invisíveis os sujeitos marginalizados. No início, sua presença desperta curiosidade por ele ser um jovem negro de Alvorada, mas essa atenção rapidamente se transforma em julgamento

quando descobrem que ele é cotista. Ao ser colocado “num lugar específico no imaginário deles”, Joaquim é reduzido a estereótipos negativos: pobre, sem cultura, sem leitura e sem conhecimento de inglês.

Essa situação mostra como a marginalização age de forma silenciosa e constante, afastando-o do pertencimento social e acadêmico e negando sua individualidade. A morte aqui não é biológica, mas simbólica: é o apagamento de oportunidades, da voz e da dignidade. A forma como os colegas estereotipam Joaquim reforça barreiras sociais e estruturais, tornando sua vida marcada por limitações, invisibilidade e desvalorização, aspectos centrais para entender a morte como experiência cotidiana da exclusão social.

Conforme Rodrigues (2006, p. 93), “a violência mortal está presente em todos os sistemas sociais. Através dela, a sociedade antecipa a seu favor as leis naturais concernentes à morte: infanticídio, gerontocídio, pena de morte, guerras, sacrifícios...”. Nessa perspectiva, a violência urbana é observada como uma forma constante de morte social, especialmente para quem vive em áreas pobres e periféricas. Nos bairros marcados pela desigualdade, o risco de agressões, assaltos e homicídios mostra como a exclusão social se manifesta de maneira real e diária.

Quando tinha apenas 15 anos, Joaquim viveu uma experiência marcada pela pobreza e pela violência. Ele havia escondido alguns bolinhos em um supermercado para presentear a avó, mas foi flagrado pelos seguranças. O que poderia ser tratado como um erro de um adolescente, acabou se transformando em uma cena brutal de agressão e humilhação:

Fiz o que ele mandou. E, assim que comecei a mastigar, levei o primeiro tapa no rosto. Com o impacto, pedaços e farelos voaram da minha boca para a mesa. Sem que me recuperasse do primeiro, levei outro. Mas dessa vez fui arremessado ao chão. E logo veio uma sessão de chutes e socos. O segurança branco pisou na minha cabeça e disse que, se eu aparecesse ali de novo, o carinho ia ser pior. Depois colocou o joelho em meu pescoço dizendo que eu não era gente (Tenório, 2024, p. 73).

O episódio contado por Joaquim mostra como a exclusão social aparece de forma dura e violenta no dia a dia. Ao ser agredido pelos seguranças do supermercado, ele sofreu para além da dor física, uma violência simbólica: foi tratado como alguém sem valor, “que não era gente”. Esse tipo de situação representa uma forma de morte social, pois retira da pessoa a dignidade e o direito de ser reconhecida como parte da sociedade.

A cena revela que a morte vai além do momento em que a vida biológica chega ao fim, manifestando-se ainda quando a pessoa é constantemente humilhada, desumanizada e impedida de acessar oportunidades. Para jovens negros e pobres como Joaquim, essas experiências não constituem exceções, mas integram um cotidiano marcado pela violência, pelo preconceito e pela exclusão.

Diante desses relatos, fica evidente que a morte, compreendida como experiência cotidiana da exclusão social, supera o limite do corpo físico para se inscrever nas estruturas que regulam a vida em sociedade. No caso de Joaquim, ela se manifesta na precariedade do trabalho, na estigmatização universitária e na violência urbana, sempre associadas ao racismo e à pobreza que marcam sua trajetória. Trata-se de uma morte simbólica, silenciosa e persistente, que nega dignidade, restringe possibilidades e impõe barreiras ao pleno exercício da vida. Com efeito, a narrativa revela que, para sujeitos negros e periféricos, viver significa resistir diariamente a um processo de apagamento que insiste em reduzir suas existências à condição de invisibilidade.

A morte como metáfora do apagamento e de resistência

Além de sua dimensão concreta, a morte se manifesta como metáfora do apagamento simbólico. Joaquim, protagonista da narrativa, vivencia exclusão acadêmica e social que pode ser traduzida como “morte das possibilidades”. Esse sentido metafórico da morte revela o modo como a sociedade nega, silencia e apaga trajetórias de sujeitos negros, tornando-os invisíveis dentro de espaços institucionais.

Na narrativa, a morte das possibilidades aparece com força no ambiente universitário, quando Joaquim é reduzido pelos colegas a um imaginário depreciativo: “colocado num lugar específico no imaginário deles: pobre coitado sem muita cultura, sem muita leitura, que não sabia falar inglês” (Tenório, 2024, p. 26). Essa experiência explicita a exclusão simbólica que, somada às dificuldades materiais, intensifica o sentimento de não pertencimento.

Seu ingresso na universidade, garantido pelo sistema de cotas, ressalta a relevância das políticas afirmativas e, simultaneamente, expõe os obstáculos que persistem em espaços historicamente elitizados. Do mesmo modo, a desigualdade que permeia a trajetória de Joaquim não se restringe à dimensão econômica; ela se materializa em diferentes formas: desde a exclusão simbólica, a discriminação racial até

as barreiras estruturais, que o conduzem a experimentar, de modo cotidiano, a morte como apagamento. Esse processo ganha forma na cena em que Joaquim relata:

Ao chegar no local onde eram feitas as matrículas, fui recebido por uma secretária que só sabia repetir todo um jargão burocrático. Ela conferia minha documentação como se tivesse o poder de decidir quem entra e quem não entra na universidade. Eu entendia o que estava se passando ali, não só pela minha experiência, mas principalmente pelos livros. Eu era um bom leitor. Além disso, eu tinha o rap a meu favor, o que me dava uma certa coragem quando precisava enfrentar situações como aquela (Tenório, 2024, p. 17).

A cena mostra como a exclusão social se manifesta em práticas aparentemente banais, mas profundamente simbólicas, sobretudo em instituições como a universidade. O olhar da secretária, burocrático e hierarquizante, revela desconfiança e hostilidade dirigidas a sujeitos oriundos de contextos periféricos. Trata-se de um mecanismo de controle simbólico, reforça barreiras de pertencimento e aciona, no cotidiano, o processo de apagamento social.

Entretanto, o percurso de Joaquim não se restringe ao apagamento: ele também descobre caminhos de resistência. Seu repertório de leituras, aliado à força cultural do *rap*, fornece-lhe coragem para enfrentar as adversidades, evidenciando que, mesmo diante da morte simbólica e do silenciamento, o protagonista mobiliza saberes e referências identitárias como estratégias de sobrevivência e afirmação.

Percebe-se que o conhecimento, a consciência crítica e o ato de narrar tornam-se ferramentas importantes para enfrentar a exclusão. Nesse contexto, escrever e contar a própria história ajudam Joaquim a conquistar um prêmio internacional, o que representa uma forma de romper com o apagamento e, ao mesmo tempo, de afirmar a continuidade da vida diante das forças da morte. Dessa maneira, em um momento marcante em sua vida, o protagonista relata:

Olhei o envelope e vi que o remetente era de Portugal. Abri-o com tamanha pressa que quase rasguei a carta: Prezado Joaquim da Silva Amado, é com imensa alegria e satisfação que informamos que seu conto “A casa vazia” foi o vencedor do 13º Prêmio Internacional Açores de Literatura (Tenório, 2024, p. 196).

O recebimento da carta que anuncia a vitória no Prêmio Internacional Açores de Literatura simboliza uma ruptura significativa no percurso de Joaquim. Se, ao longo da narrativa, ele enfrenta o silenciamento e a morte simbólica que o excluem dos espaços

sociais e acadêmicos, esse momento marca a afirmação de sua voz e de sua existência. A pressa em abrir o envelope traduz a expectativa de reconhecimento e, ao mesmo tempo, o desejo de validação diante de um mundo que tantas vezes lhe negara lugar.

O prêmio, nesse sentido, não é apenas um título literário: ele se converte em um gesto de resistência, pois demonstra que a escrita de Joaquim consegue transpor fronteiras, romper com o apagamento e inscrever sua memória e identidade no espaço internacional. Dessa forma, a narrativa evidencia que a literatura, mais do que expressão estética, torna-se instrumento de sobrevivência, afirmação e continuidade de vida frente às forças que buscam apagá-la.

A trajetória de Joaquim é marcada pela resistência. Mesmo depois de conquistar reconhecimento internacional com o prêmio literário, sua vida não seguiu de forma fácil ou sem dificuldades. Por ter ficado muito tempo afastado da faculdade por causa do trabalho, acabou perdendo a vaga no curso de Letras:

Também recebi um e-mail da biblioteca da universidade perguntando se eu não tinha um exemplar do livro com o conto premiado, pois eles queriam acrescentar ao acervo. Mas nada disso adiantou. Perdi minha vaga na universidade. Anos mais tarde e por insistência de Lauro e Saharienne, prestei vestibular novamente e voltei para o curso de letras (Tenório, 2024, p. 204).

Esse episódio, que poderia ser mais uma forma de apagamento, não foi suficiente para calar Joaquim nem para interromper seu projeto de vida. Ao contrário, ele decidiu enfrentar de novo o vestibular e, com perseverança, voltou para a universidade. Esse retorno mostra sua força para recomeçar e transformar a exclusão em oportunidade de afirmação, na medida em que sua história revela que resistir vai além de lutar contra o apagamento, implicando saber se reinventar diante das perdas e reafirmar, a cada passo, o direito de existir, aprender e contar a própria história.

Desse modo, a experiência de Joaquim mostra que, embora a morte simbólica se manifeste como exclusão, silenciamento e apagamento de trajetórias, ela também pode ser convertida em espaço de resistência. Seja pelo conhecimento adquirido, pela força cultural do rap, pelo gesto de narrar ou pela memória da avó, Joaquim reinscreve sua existência contra as forças que buscam negá-la. Sua história mostra que a morte, quando mediada pela consciência crítica e pela herança ancestral, deixa de ser apenas fim e se transforma em impulso para a vida, reafirmando a permanência e a dignidade dos sujeitos historicamente marginalizados.

Considerações finais

A análise do romance *De onde eles vêm* (2024), de Jeferson Tenório, permitiu compreender como a temática da morte ultrapassa o sentido biológico para assumir dimensões simbólicas, sociais e políticas. A trajetória de Joaquim demonstra que a morte quando observada como metáfora da exclusão social, expressa na pobreza, na precarização do trabalho, na violência urbana e no preconceito racial e acadêmico. Esses elementos configuram uma experiência cotidiana de apagamento, em que a dignidade e as oportunidades são negadas a sujeitos negros e periféricos.

Ao mesmo tempo, a narrativa evidencia que a morte se articula à resistência. A memória ancestral, a consciência crítica, o ato de narrar e a literatura emergem como caminhos de sobrevivência e afirmação identitária, reafirmando o direito de existir diante das forças de silenciamento. Com efeito, o romance de Tenório inscreve-se na literatura afro-brasileira contemporânea como espaço de denúncia e de reconstrução simbólica, no qual a morte transcende a condição de fim e se afirma como herança, denúncia e impulso de vida.

Jeferson Tenório, ao explorar a morte em suas múltiplas dimensões, constrói uma obra que ilumina a complexidade da experiência negra no Brasil contemporâneo. Dessa forma, a análise da morte no romance contribui tanto para os estudos literários quanto para a compreensão das dinâmicas sociais que estruturam a realidade brasileira.

Referências

- ARIÈS, Philippe. História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. O medo líquido. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197–221.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TENÓRIO, Jeferson. *De onde eles vêm*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

Recebido em 10/10/2025

Aceito em 08/12/2025